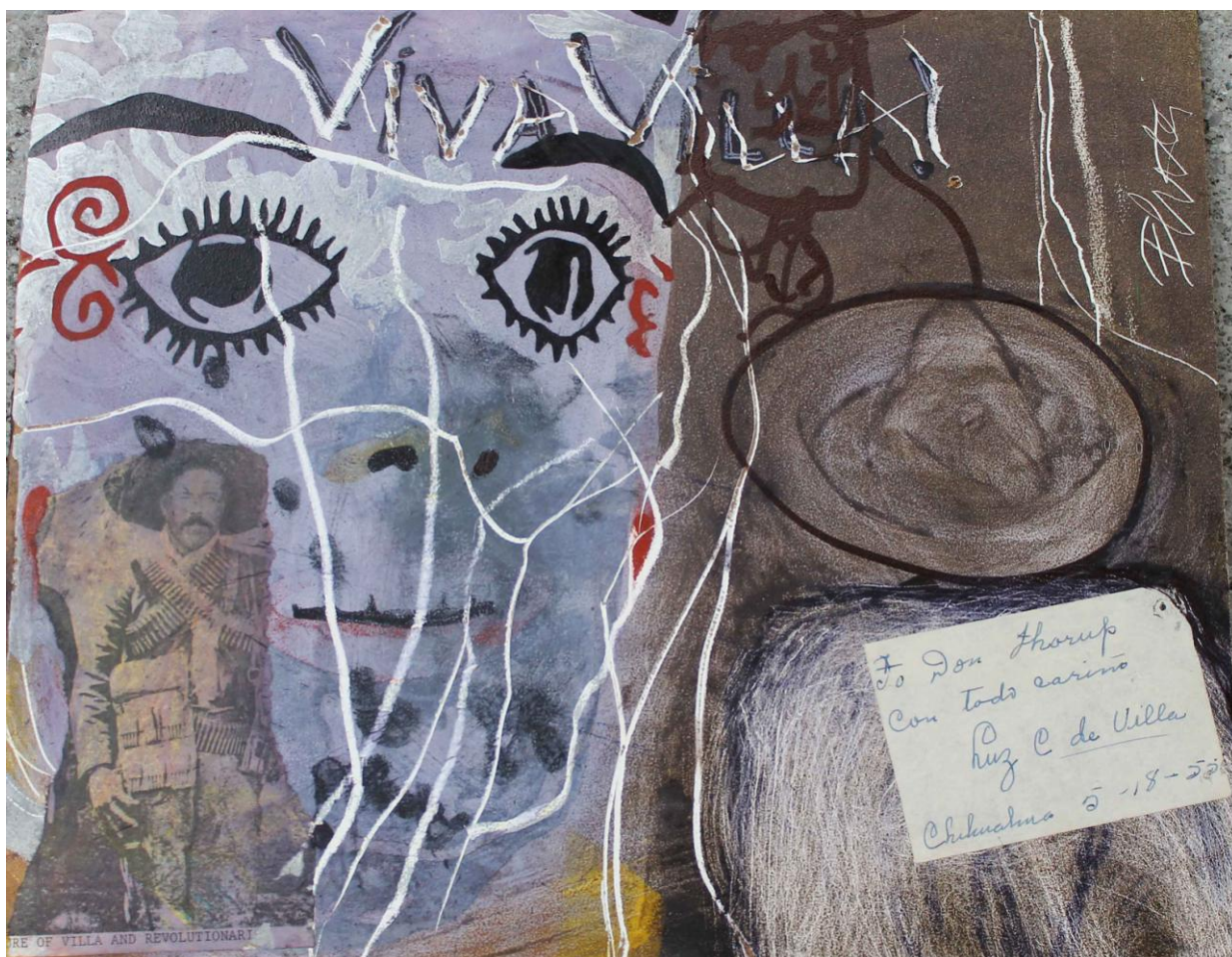


Fernando Monteiroⁱ

A Adelita descalça

Dedicado aos 43 mortos de Ayotzinapa



A Adelita descalça, Fernando Monteiro

Foto: Paulo Andrade

<https://www.flickr.com/people/pauloandrade-binsk/>

Sempre que olharem
nas cerrações incertas,
tal qual na névoa fria
um cego mira
a Sierra suspensa
– vão,
sigam, então!,
avançando pela aspereza
da Madre também na nossa
carne de recuerdos.

Não tenham receio da neblina
na paisagem que obscurece
os seus segredos
e nenhum medo das cinzas
de mortas fogueiras
aqui acesas.
Não há mais restos daquelas
feitas entre os pueblos,
os bivaques de furtivos movimentos
de combatentes e soldaderas,
antes que morressem todos,
os homens pesados de armas
e as golondrinas de asas
de bandoleiras,
sombras que eram pupilas
das perdidas aves de Narciso
voando acima das fagulhas
de incêndios.

Mas não se confundam na negra
escuridão depois das chamas
extintas como vulcões
da fronteira do tempo
que entronizou os heróis
(só os heróis!)
armados até os dentes
num céu somente de cavaleiros.

É assim que deve ser dito,
deixando para trás a nuvem
rarefeita de imagens vagas
das fumaças das manhãs
de mesetas e mestiças
pisando em gravetos
e papéis queimados
por elas mesmas,
as Adelitas dos corredos
e rescaldos da fiesta
cuja soma de erros
cancelou os acertos
da Revolução tornada
em quimera:
reformas não vindas,
leis adiadas para a terra
e a vida dos índios apagados
tanto quanto o firmamento,
após as vitórias viradas
em derrotas, com os anos.

A favor e contra,
erraram todos (ao menos
uma vez),
nas horas de discórdia
depois da morte de Madero
por um pedaço do inferno
formado sob a tormenta:
tropas mudadas de chefes
e lealdades mordendo o pó
entre o Norte e o Sul
cavalgando por bússolas
diversas ou ébrias
– o que era loucura diante
da paciência federal
dos políticos esperando
apenas o baixar da poeira.

Aqui,
não se falará desses Huertas
das poltronas,
porém das palomitas tímidas
nos pátios do ferver de chaleiras,
fuzis nos ombros de orvalho
despetalado da pele.
E das afoitas sempre rindo,
cabeça para trás,
de brincadeira zombando
por ter mijado nas canecas
dos tenientes...

Era isso:
umas que gargalhavam
e outras que ainda rezavam,
a arma cutucando no delta
do ventre virgem de homens
de dedos de pólvora
na parede branca de espanto
pelas imagens tremidas
do movietone:
irregulares tomando Torreóns
apenas para depois seguirem
sem rumo certo
nas cenas mudas de sentido
dos feitos mudados dos pobres.

Este poema
é deles e delas,
as Gimenez y Muro,
as "coronelas" sem dragonas
que não aparecem
desfilando em câmaras nas calles
ou serenas nas salas de cadeiras
bordadas por águias fugindo
das Petras Herreras
comandantes de campo
com saudade das manhãs
(tão frescas)
da Montanha que ainda
nos observa...

Mais uma vez não importa
o que filmaram das frentes
para trás dos planos de forças
móveis deslocando-se
pelas planuras
atrás das quais seguiram
as descalças palomas
no rastro de sangue e estrume
dos cavalos montados
por Panchos obesos.

Que triste e que belo!,
no chão das Dolores,
os sonos e as mortalhas
de açucenas
do descanso da cama de pregos
da tortura indagando
“adonde Zapata?!”
e seus sumiços de índio
na dobra do vento
da longa marcha a pé
até os muros de corvos
à espreita dos Insurgentes.

*[Elas não falaram!,
Morreram com o segredo
no peito sem os seios
como pêssegos cortados
pela base de perfeitas
peras.]*

Índias de fitas nos cabelos
despenteados das refregas:
quem ainda as ama,
por sobre um leito emplumado
de serpentes?

Qual Canutillo tiveram
(mesmo por curto tempo!)
para repousar a cabeça
não roubada dos cemitérios
de cada Parral fechando
uns olhos de silêncio?
Hacienda de Arranjos,
última terra de um velho
de quarenta anos
que não viu Rosário
(a cozinheira)
jogando-se do trem
para as trincheiras e disparando
um rifle consertado sob ironias
dos armeiros descrentes.

Adelitas lindas – e mortas.

O que lhes fizeram
os porfiristas impunes?

Por andam seus passos de dança
durante e depois das lutas
vencidas pelos Derrotados
do triunfo nunca traído
pelas mulheres da roda
do destino que persegue
rebeldes até muito depois
da morte?

*[Por isso, ouçam
escutem quando ressoa o eco:
"Meninas, ainda!"...]*

Sim, meninas de castigo,
jovens lírios morenos
de alvos dentes quebrados
pelos socos de anéis de prata
nos dedos dos sargentos.

Senhoras maduras de olhar
grego,
moças nascidas ontem
e já sangrando o fluxo
dos meses de espera
da Revolução que fosse
a verdadeira
(depois da segunda
e da terceira que matou
"muito mais homens",
é o que dizem!,
não discutam nas cantinas,
não duvidem dos números,
porém percebam,
vejam,
recordem as mexicanas
de peito aberto e seios
mordidos por feras humanas
num país que ainda era
de Espanhas & Incertezas).

REVOLTA!
JUSTIÇA!
INSURGÊNCIA!

Nada
nunca abateu ninguém tão belo:
moças de negros cabelos
com uma vara enfiada na buceta.

Palomas empaladas na segunda-feira!
Aves presas pelas partes,
até sair a lança pelo ombro redondo,
quase entre as espáduas mais suaves
que a penugem de cotovias pisadas
numa coxa marcada a ferro.

É a lua quem impede
que esqueçamos.

A lua,
uma lágrima,
ou, talvez, a seca ausência
dos fantasmas de saias
que rondavam as nossas redes
de fomes não saciadas pelo prato
de chili com carne apodrecida
nos carroções do Exército.

A manhã também as traz
nos grãos que não desceram
pelas gargantas ardidas
do vinho dos camponeses
que, sim, esses viram
a soldadera de culote
se lançar na fúria,
correr mais do que outros,
disparar mais rápido,
cair mais vezes
e se levantar (como?)
do pó impresso dos pés
pequenos das insurretas
que fizeram mais,
muito mais do que gritar
VIVA VILLA!,
quando ele passava em cortejo.

*Viva as **Adelitas!***

Viva a Madre e a Puta
de almas inteiras.
E vivam
enquanto for viva
uma esperança maior
do que o inseto verde
e uma bandeira maior
do que sabem levantar os heróis
batidos pela piedade a soprar,
desde sempre,
sobre os túmulos sem nomes
das soldaderas descalças
para pisar (para sempre)
no solo acima do México
que não lhes responde.

ⁱ **Fernando Monteiro** nasceu no Recife, em 1949. Um dos principais nomes da "Geração 65", formou-se no Centro Sperimentale di Cinematografia de Roma, e estreou como poeta em 1973 (*Memória do Mar Sublevado*, Editora Universitária). Seguiu publicando poemas longos até 1997 (entre os quais o *Ecométrica* - de 1983, publicado por Massao Ohno Editor - que conquistou o prêmio nacional da União Brasileira de Escritores/RJ). Nesse ano, fez a sua estreia como romancista, em Portugal, com o também premiado *Aspades, ETs Etc.* A seguir, o seu *A Cabeça no Fundo do Entulho* foi distinguido com o primeiro prêmio BRAVO! de Literatura, e vieram, no anos seguintes, *A múmia dourada do Rio de Janeiro*, *Armada América*, *O grau Graumann*, *As confissões de Lúcio* e *O nome de um hamster*. Em 2009, ano em que foi homenageado do 7º Festival Recifense de Literatura, Fernando retornou ao verso com os poemas longos *Vi uma foto de Anna Akhmátova* e *Mattinata*, publicados respectivamente pela Fundação de Cultura Cidade do Recife e Edições Sol Negro/Nephelibata (SC). Em 2013, o primeiro prêmio Pernambuco SECULT/CEPE foi reencontrá-lo como romancista, através de *O Livro de Corintha*, que jazia na gaveta do poeta. Neste 2015, tem já acertado com a editora Confraria do Vento o lançamento de *Contos Estrangeiros de Fernando Monteiro*.